

APRESENTAÇÃO

A consideração proposta por este nono número dos *Cadernos Benjaminianos* tem pelo menos duas facetas dignas de nota. Uma é a compreensão de que Benjamin se faz um pensador da vanguarda na medida mesmo em que se dispõe ao exercício crítico na época em que viveu, que calhava de ser a mesma do momento mais pujante dos movimentos vanguardistas europeus. Nesse sentido, seu alojamento como estrategista na batalha da cultura tornava a reflexão sobre a vanguarda artística – sua natureza, seu sentido, suas consequências, suas atribuições escatológicas – um imperativo. Além de uma preocupação pronunciada e perene com as relações entre arte e política, Benjamin palmilhou do Surrealismo ao teatro de Brecht, das narrativas de Kafka ao romance de Alfred Döblin, da pintura de Klee ao cinema revolucionário de Eisenstein: em todas essas manifestações ele via uma solicitação que, via de regra, se traduzia em desejo de provocar, de manipular os objetos que o magnetizavam e devolvê-los, no comentário, revestidos de sentidos e insinuações novas. A ideia, hoje bastante comum, de que a vanguarda pode ser compreendida como uma autocrítica da arte, é aqui elaborada e posta à prova.

Outra é a que aparece para muitos leitores de Walter Benjamin, e que certamente constituiu a motivação subjacente a várias propostas que foram submetidas ao corpo editorial dos *Cadernos* para publicação neste número: é a compreensão de que Benjamin é, ele mesmo, um pensador de vanguarda, alguém movido menos pelo ímpeto fundacionalista – característico de tanta matéria filosófica – e mais pelo desejo de inventar e instigar, manuseando a própria experiência, e sua cidadania em um mundo de sentido tão peculiar quanto a Europa na primeira metade do século XX, como fontes incessantes de problemas e textos. O sedimento das ousadias críticas, epistemológicas, metodológicas de Benjamin é o legado do qual dispõem os autores aqui contemplados.

Por essa rua de mão dupla, encontramos neste número artigos que se aproximam mais obviamente do núcleo inicial, as de Benjamin leitor das vanguardas históricas, e exploram as transações entre o pensamento benjaminiano e a fotografia como fantasmagoria; a obra, ainda desafiadora, de Franz Kafka; o movimento, entre o ético e o estético, da Arte Povera. Há outros que

pendem mais para a segunda orientação, e esboçam mapas norteados por Benjamin para a exploração crítica do cinema latino-americano contemporâneo, das experimentações linguísticas e formais de Samuel Beckett. Há muitos cruzamentos entre as duas linhas de tráfego, e há ensaios que buscam apalpar zonas mais explicitamente conceituais da obra de Walter Benjamin na comparação e contraste com outros pensadores e abordagens – e é assim que a relação entre narração e experiência é interpretada na proposição de um diálogo entre Benjamin e Ricouer, e também as noções de fantasmagoria e mito são tratadas como aspectos de uma visão da cidade de Paris que tanto Benjamin quanto Roland Barthes exploraram e perscrutaram. Parodiando o próprio autor de *Origem do drama trágico alemão*, mais do que qualquer pretensão de esgotamento temático, os ensaios aqui apresentados talvez constituam não mais que novas lições no processo de aprendizagem do perder-se no pensamento benjaminiano, sempre flutuante e denso, paradoxal e atual.

Os organizadores

Prof. Dr. Antonio Marcos Pereira (UFBA)
Prof. Dr. Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)